

**ANAIS**  
DO  
**XXXI CONGRESSO INTERNACIONAL**  
DE  
**AMERICANISTAS**  
SÃO PAULO

23 a 28 de agosto de 1954

organizados e publicados por  
**HERBERT BALDUS**

**VOLUME II**

**EDITORA ANHEMBI**

São Paulo

1955

UM “ÍNDIO DA AMÉRICA” (DO BRASIL?) ESTU-  
DANTE NA UNIVERSIDADE DA BASILÉIA,  
EM 1585

por

HANS DIETSCHY

No segundo tomo da “*Matricula Studiosorum Universitatis Basiliensis*” (Biblioteca da Universidade da Basiléia ; fol. 41 ro.) que abrange os anos 1568-1653, se acha inscrito, no mês de outubro de 1585, um novo *civis academicus* chamado “*Didacus Lainus Americus Indus*” — quer dizer : Diogo Lainez, índio da América, com a adição “*pauperrimus, nihil*” — muito pobre, nada a pagar. Isso é tudo.

Mas temos uns indícios que nos levam na direção do Brasil. Primeiramente, o referido nome, apesar de não ser índio, pode ajudar-nos. É o nome do segundo general dos Jesuítas, Diogo Lainez, que foi o diretor da ordem desde 1558 até 1565. Pode-se supor que se trata dum índio que foi batizado na época em que Diogo Lainez era general, e além disso, num país da América onde os Jesuítas já tiveram uma posição bastante forte e sensível.

Pois bem, só o sucessor de Diogo Lainez, Francisco de Borja, abriu novos domínios à ordem, particularmente México e Peru, enquanto que o Brasil era uma província estabelecida desde 1553. O mais provável é então, no meu parecer, que o “índio da América” era um índio do Brasil.

Mas que fêz êste índio na Universidade da Basiléia ? Sabe-se que nem todos os *cives academici* eram verdadeira-

mente estudantes. Conforme me disse o historiador professor H. G. Wackernagel, os famosos tipógrafos da Basiléia mandavam, antes de tudo, fôsem as pessoas estrangeiras das quais precisavam, inscritas como *cives academici*, para facilitar a permissão de domicílio.

Notável era a relação com os tipógrafos de Anvers onde foi editada, por exemplo, em 1558, a segunda edição de "Les singularitez de la France Antarctique" de Thevet.

No ano de 1585, em que o índio Diogo Lainez aparece na matrícula da Basiléia, Portugal já pertencia à Espanha desde há cinco anos. Por outro lado, São Vicente estava em ligação direta com Anvers pela casa de comércio de Erasmus Schetz. Teria sido examinada na Basiléia a impressão dum dicionário ou duma gramática numa língua indígena, e que para tal fim tenha o índio ido para lá? Teria o índio Diogo Lainez sido aluno de Anchieta e teria sido examinada na Basiléia a edição da gramática tupi que, somente dez anos depois, apareceu em Coimbra? No catálogo dos tipógrafos da Basiléia não se encontram, infelizmente, vestígios duma tal gramática.

As demais pesquisas não podem ser empreendidas com os recursos presentes na Basiléia. Por isso me contento, no momento, com estas perguntas.